

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

WELTON SILVA DE SOUZA

SOBRE RETÓRICA E ORATÓRIA: BREVES ESCRITOS

SÃO PAULO - SP
2017

WELTON SILVA DE SOUZA
Nº USP: 8571339 (2º HORÁRIO - MATUTINO)



SOBRE RETÓRICA E ORATÓRIA: BREVES ESCRITOS

Trabalho apresentado à Universidade de São Paulo, ao Prof.º Dr.º Adriano Scatolin, como parte dos requisitos para a aprovação na disciplina de Literatura Latina: Historiografia ou Retórica/Oratória do curso de graduação em Letras.

SUMÁRIO

Sobre retórica e oratória: breves escritos.....	04
Bibliografia.....	08

SOBRE RETÓRICA E ORATÓRIA: BREVES ESCRITOS

Na contemporaneidade, uma palavra nunca sai de moda – ao menos não no Ocidente –, eis aqui: o discurso. E nem poderia, já que a arte – ou seria a técnica? – de discursar vai muito além de um gênero textual ou área de estudo da Linguística. Na verdade é a parte fundamental de uma atividade milenar. Tão antiga quanto o exercício da política, e irmã mais velha do Direito e do surgimento da Justiça.

A oratória – o *corpus* do discurso –, e a retórica – que é a sua sistematização – eram importantes e prestigiadas em Roma. Embora fosse uma sociedade militarizada e dominada pela ideologia das armas, já conhecia e dominava a escrita. **E a usava**, tanto na escrita quanto na fala. Principalmente a falada, ou a oratória, para regular e atuar nas relações de poder.

Cícero, o grande nome da retórica e oratória romana, é autor da obra “*De Oratore*”, a “bíblia” sobre o tema. É a partir dela que são organizados os diferentes contextos oratórios; o tribunal, a assembleia popular e o senado. E que servirão de base para a análise neste trabalho.

No “Discurso sobre Marcelo”, Cícero inicia com o exórdio, no Senado, na tentativa de cativar o público e, em especial, Gaio César (1. -2). Para ele e seus feitos são endereçados inúmeros e grandiosos elogios (3.).

Na construção do discurso, Cícero torna seu argumento praticamente incontestável ao elevar os feitos de César, ao cortejá-lo, dizendo, entre outras coisas, que ninguém poderia vencê-lo. E por isso podia “poupar um derrotado”. Na mesma linha de raciocínio, afirma que essas atitudes não apenas são típicas dos “maiores homens”, mas também “semelhante a um deus” (8. - 25).

Tudo isso, logicamente, pensando no exílio de Marcos Marcelo e na sua própria situação após a guerra civil. Sendo assim, Cícero elogia a clemência de César e a cita como justificativa. E o declara “invencível” por, além de ter derrotado Pompeu, ter vencido “até os termos intrínsecos à própria vitória” (12. -31).

Nesse mesmo discurso, Cícero argumenta em sua defesa que sempre deu importância à necessidade de intervir pela paz e que lhe causara dor que isso não tenha sido ouvido. E pontua sua “neutralidade”: “de fato, nunca tomei parte nem daquela nem de qualquer outra guerra civil, e minhas resoluções sempre estiveram associadas à paz e à toga, não à guerra e às armas”. Habilidosamente, associa a sua escolha por Pompeu a um “dever pessoal”, e não à causa pública. Assim, o orador tira o peso e a responsabilidade pela sua decisão diante da gravidade do conflito.

No intuito de reforçar o argumento na defesa de Marcelo, Cícero liga o exilado a ele. Coloca-se como testemunha de Marcelo nas ideias sobre a paz e a guerra. E pede que César continue preservando “os homens de bem”, até mesmo “os que vacilam [...] por uma concepção de dever tola” (20). Ou seja, como ele mesmo diz, não foi por razões maiores e mais graves como a “ambição ou defeito moral” que impulsionaram a sua escolha, mas por fraqueza, por algo menos.

Como parte da tática de defesa, continua o elogio e valoração dos conhecimentos e feitos de César.

Em relação aos cidadãos mortos na guerra, o defensor de Marcelo atribui ao poder de uma deusa, Marte, a culpa pelas mortes – e não pela “ira das vitórias” (17). Aliás, o uso das divindades em seus discursos analisados são geralmente para enaltecer os seus argumentos, “blindando-os”, ou para livrar-se ou livrar um terceiro pelas responsabilidades de suas ações para lá de humanas.

Na peroração – a partir de 31 –, Cícero recapitula partes da causa, agradecendo a decisão de César. Argumentando que, se ele venceu, foi por não inflamar o “ódio pelo êxito”, mas por ter escolhido a bondade, sem jogar no exílio ou ter matado quem estava do outro lado durante a guerra. Ao final, agradece diretamente ao César. Por ele, pela restituição de Marcos Marcelo ao Senado e em nome do povo romano (33 e 34).

Em outro discurso, “O capital político do orador”, o fato de não ter linhagem nobre, o que significa ser um “homem novo” é compensado, em sua defesa, caso haja prestígio ao exercer a oratória. Quer dizer, sendo um orador de destaque. E também se exalta a eloquência e a necessidade de ter “consciência” em relação aos invejosos e rancorosos. Descrito como numerosos naquele momento.

Quanto às campanhas eleitorais, aconselha-se que, tanto no Senado quanto nas Assembleias Populares, devem-se evitar as “discussões e decisões políticas” (Q. Cic. *Pet* 51-53). Embora esse seja o terreno relativo às assembleias. Ao Senado competem as campanhas internas de poder.

O sucesso na oratória é essencial, uma questão republicana, como aparece no seguinte discurso: “isso mantém os homens em Roma” (Q. Cic. *Pet* 55-57), protegendo-se de eventuais e futuros perigos. E é atribuído a essa habilidade não apenas o poder de uma arma, mas também à autoridade e ao autoconhecimento. Para assim, usar isso ao favor e contra os adversários (Q. Cic. *Pet* 55-57).

Noutra defesa, na mesma temática do *status* de um “homem novo”, defende-se em seu favor que possuir “excelência moral” é o mais importante (Q. Cic. *Pet* 7-10). Desse modo, o caráter duvidoso (mesmo com origem nobre e linhagem), não representa perigo, pois não tem a mesma relevância de quem possui um caráter inquestionável. Põe-se na balança a origem familiar e o valor moral.

Na acusação, elogia-se Cícero e dispara, pesadamente, contra os concorrentes: “um homem ativo, laborioso, irreprensível, eloquente, querido pelos magistrados, deve mesmo desejar tais concorrentes [Antônio e Catilina], ambos desde a juventude assassinos, ambos libertinos, ambos depauperados”. Um bom exemplo de que se deve conhecer o passado do adversário está neste trecho: “que mais eu preciso dizer? Esse que concorre com você ao consulado é quem surrou com chibatadas um homem profundamente querido pela população de Roma, Marco Mario [...]”.

Na deliberação política, discursa-se aos senadores: “proveitem então esta oportunidade que lhes oferece, pelos deuses imortais, senhores senadores, e recordem-se enfim de que são líderes do mais importante conselho do mundo”. E conclama: “oferecem ao povo romano um sinal de que seu bom-senso não falta à República, uma vez que ele garante que sua bravura não faltará”. (34)

O orgulho e reputação dos romanos, características fundamentais da identidade de seus cidadãos é observada nessa parte da defesa: “ser escravo de gente dissoluta, petulante, corrompida, desavergonhada, dada ao jogo e à liberdade, essa é a maior das desgraças da República [...]” (35). E continua: “nada é mais detestável do que a desonra, nada é mais terrível do que a escravidão. Nós nascemos para a honra e para liberdade, devemos mantê-las ou morrer com dignidade”. (36)

No contexto do elogio fúnebre, Cícero defende que seja feita uma homenagem a Sêrvio Sulpício. Para que o decreto lhe seja favorável, um dos argumentos usado no discurso para defender tal honraria a um antigo adversário é o seguinte: “devolvam então, senhores senadores, a vida àquele de quem tiraram. De fato, a vida dos mortos reside na memória dos vivos”. E prossegue na sugestão: “se decidirem, em seu decreto, por uma estátua para ele não haverá esquecimento que possa obscurecer sua delegação”.

Entre as razões para o elogio estão “sua gravidade, constância, lealdade, seu zelo e prudência em defender a República”, e que sempre “serão lembrados pela voz de todos os mortais, e não passará em silêncio seu conhecimento absolutamente admirável, incrível e quase divino na interpretação das leis, na explicação da equidade” (10). Por ser um evento de grande impacto político e social, e pelo objetivo defendido, Cícero dirige-se aos senadores e constroem argumentos relacionados à vida dedicada às leis do falecido. Mas sem deixar de afagar a todo o povo presente no Fórum ao enaltecer também a República.

“De fato, esta estátua será um testemunho honroso de sua morte, aqueles fatores, a memória de uma vida gloriosa, de modo que este será antes um monumento de um Senado agradecido do que de um homem ilustre” (11). Nesse trecho Cícero, como se estivesse numa sessão senatorial, relaciona a honraria não apenas para lembrança de um grande homem, mas também uma forma de gratidão do Senado. Ou seja, exercita sua famosa habilidade em transformar uma causa específica em uma causa geral, maior.

Não obstante, Cícero dá a sua cartada final apelando ao emocional dos senadores. O argumento utilizado no final do discurso nessa cerimônia fúnebre é o alívio na dor e uma forma de consolação para com o filho de Sulpício. Diz o orador: “e creio que também contribuir para a reputação de Sêrvio Sulpício filho o fato de assegurar a honra devida a seu pai, apesar de que Sêrvio Sulpício não poderia ter deixado um monumento mais ilustre do que seu filho, retrato de seu caráter, valor, constância, devoção, inteligência, cuja dor pode ser aliviada por essa honraria ou por nenhum outro consolo” (12).

No contexto do tribunal, num exemplo que aparece na “Defesa de Murena”, Cícero encontra-se numa encruzilhada ao defender um cidadão como Murena estando do lado oposto de outros cidadãos ilustríssimos na época e que eram seus amigos, como Sêrvio Sulpício e Catão.

Murena enfrentava a condição de não ter mérito para ser candidato ao consulado, a sua vida pregressa não ajudava e ainda havia uma acusação por corrupção eleitoral grave. E além do mais, essa acusação de corrupção colocava Cícero numa situação ambígua, por ter proposto, no passado, uma lei eleitoral severa (*lex Tullia* de ambitu).

Do exórdio à peroração, Cícero montou esse quebra-cabeça costurando o seu discurso com humor e elevando essa defesa não somente a uma causa específica, referente a um único cidadão. Mas relacionou esse julgamento à existência do Estado, de relevância para todos que partilhavam das virtudes da República. Além da menção aos deuses, numa estratégia utilizada também em outros discursos.

O grande orador romano venceu essa causa, numa aposta alta que colocava sua reputação em jogo. Porém, junto com a causa, ganhou o apoio militar de Murena, ganhou mais prestígio e ganhou a comunidade atemporal de leitores, que têm nesse discurso um dos pontos altos da oratória de Cícero.

A seguir está um trecho do discurso, a peroração, na qual o orador sintetiza e apela aos juízos pela absolvição de Murena: “assim sendo, juízes, primeiro pelo Estado, que não deve ser em nada preterido por ninguém, advirto-vos em virtude do meu grande zelo político, tão vosso conhecido, exorto-vos em razão da minha autoridade consular, suplico-vos, dada a importância do perigo, que veleis pela tranquilidade, pela paz, pela salvação, pela vida e pela dos restantes cidadãos [...]”, “também vos peço e solicito, juízes, que não afundeis em prantos novas as felicitações de que, há pouco, foi alvo Lúcio Murena, homem infeliz e acabrunhado, não só pela doença física como pelo sofrimento da alma” (XL - 86).

Cícero não era nobre, não tinha linhagem nobre e nem foi rei, mas reinou absoluto quando o assunto era a oratória. Crítico dos professores de retórica e mestre na prática de sua teoria atuou como cônsul no Senado, onde discursava para nobres senadores. Mas também mostrou suas habilidades discursivas nos tribunais, junto à corona, e também no contexto de uma cerimônia fúnebre – onde não deixou de atuar como o ser político que era. Embora fosse ilustrado e hábil com as palavras, não exagerava na sofisticação com a língua latina. E utilizava da ironia e do humor com engenhosidade, o que davam a seus discursos aquele verniz necessário para que as suas acusações ou defesas brilhassem ainda mais.

BIBLIOGRAFIA

CÍCERO. *De oratore*.

CÍCERO. Defesa de Murena.

CÍCERO. Discurso sobre Marcelo.

CÍCERO. Os discursos no Senado.